

A CONCEPÇÃO DA DECADÊNCIA NA HISTORIOGRAFIA GOIANA

Francisca Borges Bezerra 1,

1 Graduando do curso de História do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

Introdução

É notável na historiografia goiana a representação do paradigma da decadência. Contudo, desde fins da década de 1990, quando o prof. Nasr Fayad Chaul, apresentou a sua obra “Caminhos de Goiás, Da Construção da Decadência Aos Limites da Modernidade” (1997), surgiu um esforço entre os historiadores que versam sobre a História de Goiás, em se debruçar sobre a temática, com diferentes interpretações, contrárias àquelas que voltam o seu olhar apenas para a questão econômica, que teria sido um dos fatores motivadores para o isolamento de Goiás, até a virada de 1930 com a “Marcha para o Oeste”, capitaneada por Getúlio Vargas.

Nesse sentido, nossa pesquisa se debruça sobre os trabalhos de notórios pesquisadores como o já citado Chaul e o prof. Dr. Luís Palacín, referência sobre o tema e intencionamos observar as diferenças entre os dois autores, tendo em vista, o cuidado de Palacín com a documentação sempre presente em seus trabalhos e a leitura feita por Chaul da obra de Palacín e sua observância em relação às fontes como os tratados dos viajantes que cortaram o sertão goiano nos séculos XVIII e XIX.

Entendemos que esta leitura se faça importante tendo em vista, que o paradigma da decadência ainda faz parte dos trabalhos que se dedicam a tratar sobre Goiás. Como Chaul e Palacín e porventura outros historiadores, como Paulo Bertran, enxergam a decadência em Goiás após o auge da mineração? E como esses trabalhos colaboram para a permanência deste paradigma ao invés de contorná-lo?

A produção historiográfica acerca de Goiás vem crescendo substancialmente nos últimos anos, sobretudo, em razão do sucesso da História Cultural, que garante a relevância dessas pesquisas no cenário atual acadêmico. Tornou-se possível aos historiadores o trabalho com a História Local, e por sua vez, uma aproximação palpável com o seu objeto de estudo.

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado e ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. (SAMUEL, 1990, p. 220 apud SILVA, 2012, p. 2).

Não apenas na questão da abordagem do local/regional reside a importância desta pesquisa. Entendemos que a mesma também se aplica a outra vertente em alta da historiografia, que seria o olhar interior do historiador, ou seja, a observância da escrita do historiador, a chamada História da Historiografia. Essa vertente surgida da *nouvelle histoire*, tem como preocupação ampliar o espaço da “história da história”. “O historiador novo se interroga sobre sua profissão, sobre os seus antecessores, sobre as obras clássicas e transitórias, sobre as condições teóricas, técnicas, sociais e institucionais”. (REIS, 2000, p. 119).

Enfim, entendemos que a realização desta pesquisa se torna pertinente em razão da produção de novas narrativas que se ocupam com a produção da História Local e, sobretudo, para ampliação das discussões em torno da produção historiográfica, possivelmente proporcionando maiores discussões e pesquisas acerca do tema.

Referencial Teórico

A história da historiografia é ainda um campo nebuloso e indeterminado, não se sabe ao certo o seu lugar seja como disciplina ou mesmo como um campo da escrita da história. No entanto, trata-se em si de uma análise da produção histórica, considerando o lugar e o contexto da produção da obra histórica. Conforme Cordeiro (2015), o primeiro a utilizar tal denominação ao se referir a este tipo de análise e interpretação seria Hegel.

Não é a história em si que é aqui apresentada, mas antes a história da historiografia: a avaliação das narrativas históricas e o exame de sua verdade e confiabilidade. O aspecto mais notável desse método com relação ao fato é a intenção, é a perspicácia do autor, que extrai os resultados mais das narrativas do que dos acontecimentos. (HEGEL apud GUIMARÃES, 2011, p. 20)¹.

No entanto, esse tipo de pesquisa esteve por sua vez vinculado aos filósofos, como

¹ Apud CORDEIRO, Cecília Siqueira. História e história da historiografia: alguns apontamentos. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 2015. Disponível em:
http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoSNH2015Historiografia.pdf
df Acesso em: 28/07/2016.

adianta Cordeiro (2015). Não nos cabe fazer uma interpretação conforme os métodos dos filósofos da história sobre o nosso tema. A proposta se destina mais a uma análise da História da história de Goiás e seu paradigma da decadência.

Dessa forma, este trabalho também se encaixa nos pressupostos da História Cultural, tal como Roger Chartier (2002, pp. 16-17), a entende, “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Ou seja, através da leitura das obras dos autores, Palacín e Chaul, entendemos que seja possível identificar como o lugar e tempo de suas obras contribuíram para o estabelecimento ou negação do paradigma da decadência da capitania e após província de Goiás com queda da produção aurífera no território goiano.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, de consulta, análise crítica e de interpretação de obras historiográficas que se ocupam com o tema da “decadência” em Goiás, após o período em que a mineração esteve em seu apogeu nas “Minas dos Goyazes”. Segundo Rüsen (2010, p. 125), a metodologia que se espelha na crítica das fontes, se ocupa da extração controlada de informações “das manifestações do passado humano acerca do que foi o caso”. Em nosso caso a fundamentação do paradigma da decadência.

Com a crítica das fontes a pesquisa histórica pisa no chão seguro da facticidade do conhecimento histórico. [...] Ela leva a proposições históricas que, por força de sua referência à experiência metodicamente regulada, valem empírica e intersubjetivamente. É com essa garantia de princípio (metódica) da pretensão de validade que o conhecimento histórico científico se diferencia do não-científico, relativamente a seu conteúdo factual (ou, como também à sua base de dados). (RÜSEN, 2010, pp. 123-124).

Por sua vez a interpretação das fontes conforme assinala Rüsen (2010, p. 127), “é a operação metódica que articula de modo intersubjetivamente controlável, as informações garantidas pela crítica das fontes sobre o passado humano”. Ou seja, esta metodologia está associada à crítica das fontes.

Na interpretação como operação da pesquisa, o que interessa é sintetizar as perspectivas, elaboradas heurísticamente, que questionam a experiência do passado a partir de conjecturas acerca de seu sentido, com os fatos do passado obtidos pela crítica das fontes. Nesse processo, as carências de orientação no presente e as suposições de sentido alimentadas pelo saber histórico acumulado são concretizadas

como teorias históricas empiricamente consistentes. Nele são ainda historicizadas as informações das fontes cuja facticidade está garantida; isto é: são articuladas com outras informações de fontes em um conjunto temporal plausível. (RÜSEN, 2010, pp. 127-128).

Sendo assim, se utiliza dos métodos acima descritos, a fim de se produzir uma narrativa que se ocupe da análise do paradigma da decadência em Goiás após a exploração do ouro no período colonial.

Resultados e Discussões

Esta pesquisa destina-se a produção do trabalho de conclusão de curso que ainda se encontra em produção. No entanto, adiantamos que as perspectivas dos autores acerca do paradigma da decadência inserem-se, sobretudo, na interpretação que cada um dos historiadores faz através da interpretação de documentos do período, assim como também dos relatos dos viajantes que passaram pela capitania, durante e após o auge da mineração. Cada um dos autores leva em consideração um aspecto. No caso de Palacín, é notável suas considerações através da construção de gráficos com base nos documentos e relatos. Chaul por sua vez, se ocupa de uma nova interpretação sobre a “decadência” de Goiás, através da análise da representação, ou seja, da noção coletiva que salientava que Goiás estava decadente após a mineração, porém, segundo o autor tal representação seria equivocada levando em consideração que a capitania e após província se dedicou a outras atividades como a pecuária, por exemplo.

Conclusão

Tendo em vista que este é um trabalho em curso, consideramos preliminarmente que a aceitação do paradigma de decadência levantado por Palacín é um reflexo direto dos paradigmas historiográficos do período de construção de sua obra, no entanto, estes não seriam exagerados. Isto, pois, o território goiano de fato, esteve entregue a própria sorte durante ao que se sabe pelo menos a década de 1930, quando veio à tona o projeto da “Marcha para o Oeste”, proposto por Vargas. Por sua vez, o trabalho de Chaul se ocupa dos pressupostos da história cultural, com base nos pressupostos caros a Chartier como o de representação. Sendo assim, o paradigma da decadência enaltecido nos documentos e pelos viajantes, seriam frutos das imagens que estes tinham do que seria uma sociedade por assim dizer, “desenvolvida”.

Palavras-chave: Decadência, História de Goiás, Palacín, Chaul.

Referências

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Alges-Portugal: Editora Difel, 2002.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade.

CHARTIER, Roger. História Cultural: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CORDEIRO, Cecília Siqueira. História e história da historiografia: alguns apontamentos. In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoSNH2015_Historiografia.pdf Acesso em: 28/07/2016.

PALACÍN, Luís. Goiás: 1722-1822. 2 ed. Goiânia: Oriente, 1976.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. 7 ed. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. Vieira, 2008.

PALACÍN, Luís, [et. al]. História de Goiás em documentos. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

REIS, José Carlos. Escola dos Annales. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RUSEN, Jorn. Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1º reimpressão, 2010.

_____. Reconstrução do passado. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora da Universidade De Brasília, 2010.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo da História Regional e Local no Ensino Fundamental. In: ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade UESB/ ANPUH – BA, 2012. Disponível em:



http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf Acesso em: 25/06/2016.